

O CAMINHO DE
ERDEM



LAISA G. RUIZ

O CAMINHO DE
ERDEM

A SAGA DAS PEDRAS



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022

Copyright © Laisa G. Ruiz, 2021

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Bianca Gulim

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Raquel Escobar

ANÁLISE CRÍTICA
Márcio Zanini

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

CAPA
Fábio Dantas

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Ruiz, Laisa G.

O caminho de Erdem / Laisa G. Ruiz. – 1ª edição – São Paulo:
Coerência, 2022

ISBN: 978-65-89850-43-4

1. Ficção brasileira 2. Fantasia 3. Aventura I. Título

CDD: 869.3



Rua Coronel Leme, 43
Centro | Bragança Paulista | SP
12.900-340
www.editoracoerencia.com.br

Para todos aqueles que lutam batalhas.
Você nunca estará sozinho.

E ao meu pai, obrigada por me mostrar
a beleza das fantasias.

PRÓLOGO

FINS E COMEÇOS

Meu pai costumava me dizer que as coisas sempre acontecem com um propósito, mas na época eu ainda era uma criança, então não dava muita atenção para suas palavras.

Lembro-me de que em todas as noites, quando eu ia dormir, ele se sentava ao meu lado na cama, dava um beijo em minha testa, acariciava meus cabelos e me contava a mesma história, porém eu acabava dormindo antes que ele terminasse. Apesar disso, recordo até hoje como começava:

— Em outro mundo, não sabemos onde, afinal não nos importa como chegar lá, uma princesa nasceu. Abençoada por uma grande águia, recebeu a autoridade para entrar na caverna das sereias e resgatar a armadura prateada e, como um soldado destemido, vencer a escuridão que aos poucos tomava conta do mundo...

Mas aquela história se mostraria mais importante do que de fato parecia.

Eu era uma pessoa comum, para mim contos eram apenas contos, até que... Ah! Quase me esqueci: sou Violet LeBlanc, e esta é a história de como descobri quem eu realmente era.

Vamos começar pelo dia em que tudo mudou, 17 de janeiro, quando completei dezessete anos. Meu pai trabalhava durante a

madrugada e naquele dia precisou fazer hora extra, saindo às dez horas da manhã. No fim do expediente, ele ligou para minha mãe, pedindo para buscá-lo, pois, no momento em que estava saindo, a chuva começou a cair torrencialmente, alagando os trilhos do subsolo, o que o impediu de pegar o metrô, e foi essa mesma chuva que os tirou de mim em uma das principais avenidas da cidade.

O acidente, envolvendo o carro em que eles estavam e um caminhão, fez com que mamãe morresse na hora e meu pai acabou indo para o hospital em estado gravíssimo. Após o meio-dia, um policial chegou em minha casa. Quando abri a porta e o encontrei parado ali, soube imediatamente que algo ruim havia acontecido. Com palavras delicadas, o agente me contou o ocorrido, incluindo a parte em que o motorista do caminhão havia deixado o veículo no local e fugido sem prestar socorro.

— Infelizmente, senhorita LeBlanc, seu pai está internado no hospital entre a vida e a morte. Vim buscá-la para ir vê-lo — falou ele, com as feições tristes.

— Então o que estamos esperando? — respondi, em choque, após ouvir tudo aquilo.

Quando cheguei ao hospital, estava chorando e me perguntando, a todo instante, o porquê de aquilo acontecer. Uma enfermeira me levou ao quarto onde meu pai estava e, ao entrar, eu o vi muito abatido.

— Pai!

Saí correndo para perto da cama, as lágrimas rolavam pelo meu rosto.

— Violet, me perdoe — falou com dificuldade.

— Pelo que, pai?

Segurei sua mão.

— Por deixar você sozinha tão cedo. Isso não fazia parte do plano — continuou.

— Não diga isso, você vai ficar bem — falei, trazendo sua mão para perto de meu coração. — Quando você sair daqui, vamos para casa.

Uma nuvem de tristeza cobriu seus olhos castanhos.

— Você sabe por que seu nome é Violet? — perguntou, mudando de assunto, forçando cada vez mais a voz.

— Porque mamãe gostava de violetas — respondi, abrindo um sorriso inseguro.

— Também — falou entre uma tosse e outra. — Mas foi o significado delas que motivou a escolha de seu nome, pois violetas simbolizam nobreza e delicadeza, e você, Violet, é mais nobre do que pensa — continuou, erguendo a mão até tocar em minha bochecha. — No primeiro momento depois de minha partida, se sentirá sozinha e perdida, mas lembre-se de que nada acontece sem uma razão. Você sempre vai ser minha filha e eu sempre vou ser seu pai e sei que já me orgulho do que se tornará. O mais importante é que você deve seguir o propósito de sua vida. — Meu pai ficou quieto por um tempo, mas logo voltou a falar, mesmo com dificuldade e sentindo dor a todo movimento: — Eu tenho que contar algo a você. — Sua voz estava rouca e fraca. — Apesar de amar você, eu não...

Subitamente, parou de respirar. Em seu corpo agora não se achava mais vida. As máquinas ao redor da cama apitaram.

Um grito estridente saiu de minha boca:

— Papai!

Uma dor aguda atravessou meu peito, como se o cortasse lentamente de cima a baixo. Senti o ar se esvaír de meus pulmões e o choro amargo crescer em minha garganta.

Médicos e enfermeiras auxiliaram rapidamente, mas, como não havia nada a ser feito, desligaram os aparelhos e cobriram seu rosto. Naquele momento, exatamente como ele havia dito, eu me senti sozinha.

Como se os céus ignorassem minha dor, o dia do enterro estava claro, com os raios de sol atravessando as copas das árvores do cemitério e passarinhos cantando doces melodias que apertavam ainda mais meu coração. Por algum motivo fingi ser forte, não derramei lágrimas, parecia errado chorar diante dos outros, pois aquela dor, aquele constante peso no peito que me consumia por inteira, era algo que as pessoas não entenderiam, não podiam entender, por isso encontrei dentro de mim uma máscara passiva e, conforme minhas construções internas desmoronavam e se transformavam em ruínas, eu usava os pedaços para erguer fortes muralhas.

Depois de o pastor fazer suas preces e os caixões terem sido cobertos por camadas de terra, percebi que meu mundo estava sendo enterrado junto com meus pais.

Vizinhos e conhecidos entravam e saíam de casa, sempre tentando me consolar, mas não aguentei aquilo por muito tempo — me escondi em meu quarto e desabei, meu coração havia sido despedaçado e não imaginava que algum dia seria possível que voltasse ao normal.

Tão rápido quanto um relâmpago cruzava o céu, fui informada pelo advogado da família que, durante as próximas semanas, minha situação presente e futura seria discutida e determinada na presença de um juiz, assim como a leitura do testamento de meus pais. Perguntei o que ele achava que aconteceria comigo.

— De acordo com o testamento, você ficará sob a tutela de um parente. — Foi sua única resposta.

Mas que parente?, pensei Meus avós morreram antes de eu nascer, minha mãe é filha única e meu pai... Até onde eu sei não tenho parentes vivos. Foi aí que ele surgiu, meu novo guardião: o meio-irmão de meu pai, Patrick Peter Edouard, sobre quem nunca tinha ouvido falar.

Uma reunião foi marcada para o dia seguinte à sua aparição e nela meu destino seria decretado. Joana, melhor amiga de minha mãe e mãe de Jenna, minha melhor amiga, parou o carro na frente de um prédio de estrutura antiga com dois andares que tinha acabado de ser reformado. Um pintor passava seu pincel molhado de tinta cinza por cima da pintura antiga, dando os últimos retoques na fachada, e, um pouco acima da porta, havia uma grande placa em que se lia “Assistência ao Menor”. Saí do carro me sentindo insegura em relação a tudo o que poderia acontecer, e Joana devia ter percebido meu desconforto, pois abriu um largo sorriso e falou:

— Querida, não se preocupe. Vai dar tudo certo!

As paredes de dentro do prédio eram beges, e, a cada quatro metros, via-se uma porta que dava para um pequeno escritório pertencente a diversas pessoas. Entramos em uma sala ampla, com uma mesa grande e comprida no centro e várias cadeiras ao redor, e o senhor Roger, advogado de meus pais, indicou-me uma delas e se sentou ao meu lado.

Naquele mesmo instante, dois homens apareceram junto à porta e entraram na sala. Um deles tinha o rosto oval, assim como meu pai, o cabelo loiro-escuro possuía ondulações, os olhos verde-água se destacavam na pele bronzeada e a barba estava por fazer — imaginei que não era muito vaidoso. Seus braços eram musculosos por conta do trabalho e, se minhas especulações estivessem corretas, ele tinha 1,80m e quarenta anos. Já o outro era um pouco mais velho e vestia um traje formal. Pendurado no pescoço, tinha um cartão que o identificava como assistente social.

— Senhorita Violet, esse é seu tio, o senhor Patrick — falou o assistente social.

— Olá, tio.

Estiquei a mão para um cumprimento, mas o que recebi em troca foi um aceno de cabeça.

— Você se parece muito com sua mãe — disse, quase em sussurro, enquanto se sentava na cadeira à minha frente, dando um sorriso discreto.

Quando todos acharam seus devidos lugares e o juiz tomou seu assento, a reunião começou.

— Está aberta a sessão do caso LeBlanc — informou o homem que se sentava à ponta da mesa.

— Senhores — começou Patrick, chamando a atenção de todos —, sou péssimo com crianças e sou uma pessoa solitária, decerto por isso não tenho família. Eu mesmo pedi para Bill e Lisa deixarem Violet longe de mim, porque não queria ser encontrado, incomodado e muito menos virar o tutor dela — falou, soando irritado.

— Senhor Edouard, seu irmão deixou bem claro na tutela testamentária que, se algo acontecesse a ele e à esposa, Violet deveria viver sob sua guarda até completar vinte e um anos — disse o juiz, abrindo uma pasta preta que o escrivão havia entregado para ele.

Tio Patrick negou mais uma vez, e Joana, que havia sido convocada por ser minha responsável enquanto o procuravam, ergueu a voz em minha defesa, dando início a uma discussão em que cada um falava o que achava melhor para mim.

Em um pequeno espaço de tempo, o caos começou a reinar ao meu redor e, sentada na cadeira, encarando minhas mãos, vaguei, distraída, pelas memórias, até chegar ao dia em que aprendera a andar de bicicleta sozinha. Meu pai estava sentado na calçada com minha mãe ao seu lado e toda vez que eu caía eles me incentivavam a levantar e tentar de novo.

— Uma queda pode doer por um tempo, mas é através dessa dor que aprendemos a nos tornar mais fortes — dissera ele enquanto limpava meu joelho ralado.

Fui retirada do devaneio com um puxão pela voz firme do juiz, que franzia a testa.

— Saiba — disse, dirigindo-se ao meu tio e seu advogado — que se o senhor se recusar permanentemente a exercer o encargo, a jovem em questão será destituída do poder familiar e encaminhada para uma casa de acolhimento do Estado, até que uma família inicie o processo de adoção. A partir disso, o senhor não terá mais direito sobre ela a menos que a nova família decida o contrário.

Por um instante, todos ficaram em silêncio absoluto. O advogado cochichou algo para Patrick, e percebi seu olhar pousar em mim; alguma coisa em seus olhos verdes me pareceu estranhamente familiar e acolhedora, por isso sorri.

Ele assentiu e por fim disse:

— Tudo bem, eu fico com ela.

— Certo, sendo assim o veredito é o seguinte: a partir do encerramento desta sessão, a menor Violet LeBlanc irá morar com seu tio, Patrick Peter Edouard, na fazenda Vila dos Lírios, de propriedade do senhor Edouard, até completar vinte e um anos. Enquanto isso, continuará seus estudos na escola determinada pelo tutor e seu patrimônio será gerido por ele — disse o juiz ao mesmo tempo que o escrivão movia rapidamente a caneta em uma dança para escrever tudo o que era dito.

Por fim, outros detalhes do testamento foram resolvidos, e, para oficializar a decisão, assinamos alguns documentos que foram distribuídos para ambos os advogados presentes e arquivados no fórum.

— Espero que vocês dois encontrem a felicidade um no outro — falou o juiz de forma bondosa. — Sessão finalizada.

Todos os participantes saíram, com exceção do escrivão e do juiz, que ficaram na sala para receber a próxima família.

Do lado de fora, enquanto eu estava encostada em um poste e os dois advogados discutiam sobre alguns detalhes, vi Joana ir conversar com Patrick, que apenas a encarava e assentia nos momentos que considerava apropriado. Ao fim do diálogo, ambos se dirigiram

ao carro da mãe de Jenna, que revelou um porta-malas ocupado por quatro caixas e uma mala, todas cheias com as minhas coisas. Com autorização do advogado e do Estado, Joana e sua família me acolheram durante a semana turbulenta após o acidente enquanto esperávamos a leitura do testamento. Assim, sem saber ao certo o que o futuro me reservava, eles me ajudaram a encaixotar grande parte das coisas de acordo com as instruções do senhor Roger.

Sem muita dificuldade, meu tio empilhou as caixas nos braços e disse em minha direção:

– Vamos, garota, tenho que terminar meus afazeres.

Eu já sabia que teria de ir embora com ele se concordasse com os termos, mas uma coisa era apenas pensar nisso, outra bem diferente era vivenciar.

Meus pais o escolheram por um motivo, então tente dar uma chance a ele, pensei. Arrumei a postura e caminhei em direção a Joana, que gentilmente segurava minha mochila e tinha a mala a seus pés.

– Querida, eu e José estaremos sempre por perto. Então, peço que nos mantenha informados através de Jenna, e qualquer coisa você tem meu número. É só ligar.

– Muito obrigada, Joana, por tudo – agradei, dando-lhe um abraço.

– Fique bem, minha flor – disse, dando-me um beijo na testa.

Peguei minha mochila, ajustei a mala, despedi-me de todos e segui tio Patrick para o estacionamento que ficava ao lado do prédio. Lá, ele destravou uma caminhonete velha com a pintura vermelha riscada e o para-choque completamente sujo de lama. Com cuidado, ajeitou minhas coisas na caçamba e indicou que eu entrasse no automóvel.

Quando abri a porta do carona, deparei-me com um banco do carona cheio de tralhas, mas, enquanto pensava em como me

sentaria ali, ele pegou tudo e jogou para o banco de trás. Quando ia dar partida no carro, parou e bufou:

— Fique aqui e *não* mexa em nada!

E correu de volta para o local em que estávamos havia pouco.

Se eu ainda tivesse catorze anos, provavelmente teria mexido em tudo, mas minha idade finalmente afetara minha responsabilidade, então, como uma boa dama, não toquei em nada. Tio Patrick voltou carregando uma pasta azul na mão e tive de lutar contra a vontade de perguntar o que era.

— Antes de irmos para a fazenda, farei uma única parada pelo caminho, pois tenho que comprar ração para os cavalos — disse, olhando para mim. — Por favor, peço que não fale comigo enquanto dirijo e não ligue o rádio. Tentarei não demorar muito.

Ele deu partida na caminhonete e imediatamente o motor roncou. Assim, começamos a nos mover em direção à rodovia.

Já que tudo era “proibido”, resolvi ler. Tirei de minha mochila um livro e folheei as páginas até onde havia parado. Após um tempo, ergui o rosto e encarei tio Patrick.

Eu ainda estava extremamente abatida com tudo o que havia acontecido nos últimos dias; meu corpo pesava, assim como minha cabeça, mas algo na presença dele estava me despertando — era como se, aos poucos, a luz e a cor estivessem voltando para o meu mundinho.

Sacudi a cabeça, deixando de devanear, e voltei os olhos para o livro.

1

MUDANÇAS

Em uma noite tempestuosa, Luna, deitada ao lado do marido, sentiu uma dor lacerante atingir seu ventre. Ela gritou, e o príncipe rapidamente despertou e buscou socorrê-la. Estava na hora, o momento havia chegado, o bebê estava prestes a vir ao mundo. De repente, criadas entraram no quarto com panos e jarros cheios de água. Seu amado se posicionou ao lado dela, segurando sua mão, e foi aí que ela sentiu sua presença. A grande porta da sacada de seu quarto estava aberta e as cortinas se mexiam violentamente devido ao forte vento. Do lado de fora, escondido nas sombras, observando a cena, encontrava-se aquele que procurava uma brecha na profecia para finalmente se apossar da vitória. Mas ela não deixaria que isso acontecesse, pois lutaria com todas as suas forças. E, misturado com os trovões, os gritos de Luna se tornaram o choro de um lindo bebê.

Ele mantinha o olhar fixo na pista. Como havia pedido, não falei em nenhum momento. Não muito distante da cidade, saímos da rodovia principal e encontramos uma bifurcação. Por mais estranho que parecesse, eu conhecia bem aquele caminho: se seguíssemos pela rua à direita, chegaríamos à escola Clypeus, onde eu estudava; porém, se pegássemos à esquerda, pararíamos em um conjunto de fazendas e sítios.

A caminhonete continuou pela estrada à esquerda. Ele vivia tão perto de mim, e eu nem sabia de sua existência. Afastamo-nos a ponto de não conseguirmos mais ver a silhueta da cidade, até que começaram a aparecer várias porteiras e tudo à minha volta se tornou flora, árvores imensas em altura e largura, arbustos e pequenas plantas que se espalhavam pelas propriedades. Plantações de trigo, girassóis, lírios, amendoim e arroz cobriam os morros; pássaros de diversas cores voavam e pousavam sobre os galhos; vacas e cavalos pastavam nas pradarias e bois mugiam ao longe.

O som do campo era completamente diferente do que eu estava acostumada, e, no caminho, tivemos de parar para que um rebanho de ovelhas e seu pastor conseguissem passar. Logo depois, encostamos a caminhonete perto de uma porteira branca com uma placa decorada que indicava o nome do lugar: Vila dos Lírios. Aquela devia ser a fazenda mais afastada de todas, tendo em vista o longo caminho que tínhamos percorrido. Tio Patrick desceu para abrir a porteira e, sem muita demora, estacionamos em frente à casa. Quando saí do carro, uma senhora veio em minha direção com os braços abertos:

– Bem-vinda, criança – disse, apertando-me em um abraço de urso.

– Obrigada – respondi, afastando-me.

– Violet, essa é Dona Rosa. Ela é quem cuida da casa para mim.

– Achei que meu tio morasse sozinho.

– Não, meu docinho de abóbora, não moro aqui. Vivo em um sítio não muito longe, junto com meu marido.

– Ah, sim. Quantos anos a senhora têm? – Arrependi-me logo que as palavras saíram de minha boca, porque não é educado perguntar a idade de uma mulher. – Desculpe minha curiosidade

– falei, sentindo as bochechas corarem.

— Não tem problema. Eu tenho cinquenta e dois anos e ajudo a família de seu tio desde moça — contou, lançando um olhar significativo a meu tio, que estava de pé, encostado na caminhonete.

— Chega de conversa! Vou guardar a ração dos cavalos. A propósito, Violet, seu quarto fica no sótão. É só você subir a escada que dá para o andar de cima. Ali você verá uma falha no teto e, quando a encontrar, puxe-a para baixo e aparecerá uma escadinha de madeira. Deixarei suas caixas lá e, se quiser arrumá-lo, Dona Rosa pode ajudá-la — falou, caminhando para a parte de trás da caminhonete.

— Ele foi grosso com você enquanto vinha para cá? — perguntou, não querendo uma resposta. — Não ligue para ele. Só está enferrujado e isso vai amolecer com o tempo. Agora, fique à vontade para dar uma volta pela propriedade e conhecer melhor seu novo lar — falou, tirando a mochila de minhas costas. — Vou deixar sua mochila no quarto junto com as caixas.

E entrou na casa.

Dei uma volta, como Dona Rosa sugeriu. A fazenda era belíssima, como disseram que seria. Segui uma trilha que me conduziu para a plantação de lírios e caminhei em seu meio com muito cuidado, não querendo estragar a formosa criação de Deus. A fragrância era esplêndida e nunca experimentara algo igual — tive certeza de que ela ficaria para sempre em minha memória.

Para registrar aquele momento, coloquei a mão no bolso de minha calça, peguei o celular e tirei uma foto. Depois de longos dias em que o mundo parecia cinza, agora eu podia ver um pouco de cor voltar à minha vida, percebendo que havia coisas boas que superavam o sofrimento.

Voltei para casa por um caminho de pedras e, quando entrei, encontrei Dona Rosa varrendo a sala. Ela me dirigiu um sorriso e mostrou as escadas para o andar superior. Segui as instruções de

meu tio e encontrei meu novo cantinho. As paredes e o chão eram de madeira, e uma pequena janela se situava acima de uma mesinha perto da cama de solteiro, onde o teto era mais baixo. Junto ao pé da cama havia um baú desocupado e, em um canto, ficava o guarda-roupa com um móvel ao lado. Já próximo à porta, havia algumas prateleiras vazias. Até que havia bastante espaço para um sótão. Minhas caixas estavam lá, então resolvi abrir algumas delas para ver o que exatamente tinha dentro, porém não podia colocar as coisas nos seus lugares com o quarto parecendo uma mina de pó. Eu tinha de limpar, mas sem ajuda de Dona Rosa, apesar de ela estar ali para isso, pois era uma questão de honra arrumar sozinha.

— Ótimo. Preciso de vassouras, rodos, baldes e produtos de limpeza! — exclamei sozinha.

Era um hábito que eu tinha, já que é isso que acontece quando seus pais não lhe dão um irmãozinho.

Descendo todas aquelas escadas, comecei a procurar pela despensa.

— Está perdida? — perguntou uma voz feminina.

— Estou procurando os produtos de limpeza, porque aquele sótão está uma bagunça — falei.

— Ah, sim, querida — respondeu. — Estão na lavanderia, próximo à cozinha. Você quer ajuda?

— Obrigada, Dona Rosa, mas não precisa — agradei e sumi de sua visão.

Na lavanderia havia tudo o que eu precisava. Prendi os cabelos em um rabo de cavalo, carreguei tudo para cima e virei a Cinderela.

Em minha mente, fiz uma lista de coisas para seguir e iniciei o trabalho. Passaram-se algumas horas até eu terminar tudo, mas, quando finalizei, o lugar estava maravilhoso, podia até ver meu

reflexo no chão. Desci com os utensílios de limpeza que usara e levei de volta para a lavanderia. Depois retornei ao sótão, porém, no caminho, esbarrei com um cachorro e fiquei muito feliz ao observar que era uma linda labrador de cor chocolate e olhos caramelo.

— Olá, amiguinha. Nossa, como eu não vi você antes? Sou tão distraída! Qual é o seu nome? — Ela latiu e cheirou minha mão e, com isso, pude ver em seu pescoço um broche com o nome escrito pendurado na coleira. — Seu nome é Mia! E você, sabe quem eu sou? Sou a nova moradora da fazenda. Quer saber onde eu vou dormir?

Como se entendesse o que eu falava, a cachorra latiu novamente e começou a dar giros com pulinhos embutidos. Mia me seguiu e foi engraçado vê-la tentar subir a pequena escadinha de madeira.

— É aqui.

Agora que tudo estava limpo, eu podia colocar as coisas em seus devidos lugares. Arrastei a cama de volta, coloquei um cobertor por cima do lençol, encapei o travesseiro com uma fronha e trouxe a mesinha de cabeceira para perto, lotando-a de objetos. No baú, coloquei minhas roupas de cama e ursinhos de pelúcia. Já as roupas que se encontravam na mala pus no guarda-roupa e posicionei os livros, os quais estavam dentro da primeira caixa, nas prateleiras. Depois de abrir todas as caixas, organizando seus conteúdos, tirei da minha mochila os aparelhos eletrônicos e guardei-os na segunda gaveta da mesinha de cabeceira. Ao finalizar, sentei-me na cadeira de minha mesa de trabalho e fiz uma análise do novo estado do quarto, sentindo uma pontada de orgulho. Quando olhei para o chão, vi uma figura ao meu lado.

— O que acha? — perguntei. Mia latiu. — Que bom! Apesar de ser bem menor do que meu antigo quarto, acho que posso me acostumar. — Acaricie sua cabeça. — Quer me mostrar a fazenda? Só tive

tempo de ir até o campo de lírios. — A cachorra latiu novamente. — E talvez possamos fazer um piquenique quando terminarmos, pois estou com um pouco de fome.

Nós duas saímos da casa. Mía andava na minha frente dando saltinhos.

Como eu sempre gostei de cavalos — tinha vários desenhos deles espalhados pela parede do meu quarto quando era pequena —, decidi conhecer os estábulos. Lá dentro, havia dez baias, sendo seis ocupadas por lindos cavalos de raças diferentes. Mas, um deles, em especial, capturou a minha atenção. Era um corcel grande e preto chamado Blitz — na porta de sua baia estava escrito seu nome —, que possuía uma coisa muito incomum para sua pelagem: seus olhos eram de um tom de verde-água profundo. Aproximei-me e comecei a acariciá-lo, e ele olhava para mim com calma e sinceridade, parecendo que me conhecia havia dezenas de anos.

Após conhecer os outros cinco cavalos, segui a cadela marrom-bombom para outra parte da fazenda. Dessa vez, ela me mostrou um lago onde patinhos nadavam sobre a água cristalina, peixinhos se moviam fazendo pequenas ondinhas, grandes salgueiros formavam lindas cortinas naturais nas bordas e a grama em derredor era extremamente verde e tinha um cheiro agradável. Até parecia que eu estava em outro planeta.

Depois passamos pelo pomar, onde, discretamente, colhi algumas frutas. Dali pude avistar uma grande mangueira que ficava em cima de um pequeno morro. Chamei Mía, que corria por toda parte assustando os passarinhos, e juntas subimos em direção à árvore. Sua copa fazia uma enorme sombra e minúsculas flores forravam o chão ao redor. Ela já florescia, mas ainda não estava na época de dar frutos.

Sentei-me encostada em seu tronco, com o estômago roncando, então mordi uma maçã que havia pego do pomar e dei um pedaço a Mia, observando tudo à minha volta.

— Incrível, não acha? Nunca imaginei que isso poderia acontecer, e cá estou eu, morando com um tio misterioso. — Mordi outro pedaço da maçã. — Por que será que meus pais nunca me contaram sobre esta fazenda ou sobre tio Patrick? — perguntei a mim mesma.

Fiquei ali, sentada, observando a paisagem até meus olhos pousarem na fronteira de uma densa floresta. Olhei atentamente e, de repente, ouvi uivos se aproximando. Levantei-me em um pulo e saí correndo de volta para a casa. A sensação de que olhares queimavam minhas costas me seguiu até eu chegar no caminho de cascalho para a porta dos fundos. Tio Patrick estava à minha espera, sentado na escadaria da estreita varanda.

— Onde você estava? Já vai escurecer. Não é bom andar pela fazenda durante a noite — falou de maneira rude. — O jantar será às oito.

Entrei com a cachorra bem atrás de mim e decidi que estava na hora de tomar um banho.

O toalete era simples. O seu diferencial era uma banheira — não aquelas de hidromassagem, mas aquelas antigas sem nada interessante. Abri a torneira, esperei encher, coloquei os sais de banho que se encontravam em pequenos vidrinhos na pia, mexi com as mãos até a espuma aparecer e entrei. Mia ficou o tempo todo deitada no tapete.

— Que loucura, uma floresta com lobos. Seu trabalho deve ser mantê-los longe dos rebanhos, não é? — falei, acariciando-a.

Parecia que ela havia me entendido, pois balançou o rabo e empurrou minha mão com o focinho. Fiquei ali por algum tempo

e depois subi para meu quarto. Como era meu primeiro dia na casa, não sabia se poderia descer já com o pijama ou se deveria me arrumar decentemente para uma ocasião especial, então coloquei um vestido azul e outro amarelo em cima da cama.

— Qual? — Olhei para Mía, que deu uma mordiscada no vestido azul. — Então será esse.

Às oito em ponto eu estava pronta, usando o vestido azul com um chinelo e o cabelo preso. Em todo o período do jantar meu tio e eu não conservamos, e as poucas frases que saíam eram: “Por favor, você poderia me passar a salada?” ou “Você quer mais?”.

Quando terminamos, ajudei-o a lavar a louça e a guardar os pratos, pois Dona Rosa havia ido embora. Durante a noite, já alojada em meu quarto, pude ouvir novos sons, como o de animais lá fora, do vento batendo nas folhas e o ranger da casa.

Da pequena janela, observei o céu, que, subitamente, perdeu o brilho, enquanto uma escuridão cobria as estrelas e a lua. Um forte vento começou a bater nos vidros e, a cada relampejar acompanhado de trovões, a chuva ia aumentando. Mía se aproximou mais de mim e choramingou. Senti que havia algo de muito estranho naquela tempestade.